

Collor começa a procurar apoio para a próxima etapa

por Cláudio Kuck
de Maceió

O único candidato que, segundo as pesquisas de boca de urna, já tem lugar assegurado no segundo turno, Fernando Collor de Mello, 40 anos, votou ontem pela primeira vez para presidente da República num grupo escolar da praia de Pajuçara, em Maceió, dizendo que futuras alianças só serão feitas "em torno de um projeto consistente de governo para tirar o País da crise". O criador do Partido de Reconstrução Nacional (PRN) começou a sua campanha como um "out-sider", tímido nas pesquisas, para disparar depois, mas mesmo assim conseguindo apenas a adesão oficial de 22 deputados federais para seu PRN, um senador (seu vice Itamar Franco), e somente um governador, seu vice em Alagoas, que assumiu em seu lugar, Moacir Andrade.

A avalanche Collor, alimentada pelas palavras de ordem contra os chamados "marajás" e o governo do presidente Sarney, acabou, entretanto, explodindo as estruturas partidárias, como demonstram os primei-

ros resultados das urnas, principalmente dos dois gigantes, PMDB e PFL, que naufragaram com Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves. O adesismo a Fernando Collor foi supra partidário, envolvendo governadores, senadores, deputados e prefeitos dos diferentes partidos.

A força do pequeno PRN ficou demonstrada em recente votação no Congresso, quando suas lideranças com o apoio de centenas de parlamentares frustraram manobra do PDT e outros partidos, que pretendiam obrigar o eleitor a escrever o nome do candidato na cédula, em vez de colocar apenas um "X".

Os principais assessores da campanha de Collor, deputado Renan Calheiros e o jornalista Cláudio Humberto Rosa e Silva insistiam ontem em Maceió que preferiam enfrentar no segundo turno o ex-governador Leonel Brizola. "Luiz Inácio Lula da Silva tem o PT bastante organizado em quase todo o País, uma militância ideológica muito forte, é jovem e político novo como Collor e transformaria o pleito numa disputa

de esquerda e direita. Collor não quer uma divisão de pobres e trabalhadores de um lado e ele do outro", comenta Calheiros. O PDT é considerado sem estrutura e de um homem só — Brizola —, mas já o deputado Alcení Guerra (PRN-PR) teme que, se a disputa for com ele, haja "grande pressão dos governadores do PMDB sobre os eleitores de centro-esquerda", disse à repórter Maria Salomon.

Logo após votar o ex-governador de Alagoas viajou no seu jatinho para Brasília, recolhendo-se à sua casa no lago norte de Brasília onde, por um sofisticado sistema de computação está acompanhando a apuração, ao mesmo tempo que não sai do telefone articulando já alianças para o segundo turno. Ontem mesmo ficou praticamente costurado o apoio oficial do PTB de Affonso Camargo, enquanto a grande esperança de Collor é conseguir a adesão de setores do PSDB, "como Fernando Henrique Cardoso e José Serra, para dar mais densidade à campanha", afirma Cláudio Humberto.

O jovem PSDB de Mário Covas, "qualquer que seja o resultado das urnas, sairá fortalecido pela sua reação final", acham assessores do candidato. Já Paulo Maluf não deve ficar para o segundo turno, mas provou sua força em São Paulo, voltando a ter controle total do PDS, afastando as lideranças que o contestaram, como o senador Jarbas Passarinho. Com os amigos ele já tem comentado que, se perder para presidente, será imbatível no próximo ano para o governo de São Paulo.

Hoje e amanhã Collor de Mello vai ter várias reuniões com seus assessores, preparando um encontro amplo para sábado em Belo Horizonte, quando seria traçada a estratégia final e o tom da propaganda gratuita na TV e rádio, "talvez já com a presença de alguns novos aliados", adianta o deputado estadual de Alagoas, do PRN, Cleto Falcão. O deputado Alcení Guerra admite alianças até com o PCB de Roberto Freire, "para governar o País, o Collor não pode sair da eleição com o carimbo de direita na testa".